

José Luiz Furtado

Universidade Federal de Ouro Preto

Corpo objetivo, próprio e absoluto: fenomenologia da carne em Michel Henry

O corpo significa fundamentalmente, a afetividade da vida, a sua carnalidade. Nesse sentido, escreve Marion: "eu sou lá onde me afeta o que me toca". Não lá, na exterioridade e na distância do mundo, mas "lá onde eu me afeto a mim mesmo", isto é, na imanência da vida. De tal modo que "eu não sou (nem estou, JLF) primeiramente lá onde toco outra coisa que eu (moi) (onde eu a penso, a viso e a constituo), mas lá onde me sinto tocado". A carne é justamente esta esfera ontológica onde eu me sinto tocado. É na carne que sou tocado; não é a coisa lá, na transcendência do mundo que me toca, mas sua presença imanente, na medida em que somente assim posso recebê-la e ser por ela afetado,. A carne, desta forma, não pode tocar os corpos senão porque se sente ao tocá-los, de tal modo que o conteúdo deste sentir é o próprio ato de tocar. "A carne não pode sentir nada senão padece de si mesma e se sente sentindo (tocada, ou pelo que ela toca); pode mesmo suceder que ela se sente padecendo de si mesma não apenas sensitiva, mas também sentida (por exemplo, se um órgão da minha carne toca outro órgão da minha própria carne). Na carne o interior (o sentinte) não se distingue mais do exterior (o sentido); eles se confundem segundo um sentimento único – se sentir sentindo". Há assim uma distinção fenomenológica entre o ente exterior e o corpo orgânico, na medida em que ambos correspondem respectivamente a dois modos diferentes da experiência internamente percebida característica do sentimento de esforço inerente a todas nossas ações e que nos revela originariamente a realidade do mundo como o que resiste justamente a esse esforço. Enquanto o ente transcendente oferece uma resistência ocasional, mas que pode ser absoluta como uma parede intransponível, ou o chão sob nossos pés, o corpo orgânico oferece uma resistência continuada, mas não absoluta. Mesmo o mais simples ato de abrir os olhos pressupõe o esforço de mover as pálpebras e se encontra ainda presente mesmo no mais profundo estado de quietude meditativa, que no abandono do mundo a que nos conduz, não nos faz deixar de experimentar nunca o peso da vida e de pressentir no corpo, como uma potencialidade plenamente ativada na carne, o esforço. Deste modo, no caso das coisas com as quais nos defrontamos, tocando-as ou movendo-as, o movimento corporal "enfrenta uma resistência absoluta – e é esse o fundamento fenomenológico do ser do corpo estranho -, enquanto essa resistência cede frequentemente ao esforço quando se trata do ser transcendente do corpo próprio". Portanto, partindo da distinção entre corpo objetivo, próprio e absoluto, estabelecida por Henry, pretendemos contribuir para o desenvolvimento de uma filosofia da corporalidade.